

O Quatrilho: literatura e história na obra de José Clemente Pozenato

Monique Cerini Rodrigues¹

Resumo: O presente artigo trata de um estudo da obra *O Quatrilho*, do escritor gaúcho José Clemente Pozenato, em comparação com o filme de mesmo nome, e tendo como referência o contexto histórico da época. São analisados tópicos do livro que mostram como era a vida dos imigrantes italianos que viviam no Rio Grande do Sul no início do século XX. Também é analisado, de forma mais profunda, o personagem Ângelo Gardone, que pode ser entendido no início da narrativa como um típico italiano, e no desenrolar da trama acaba conseguindo se integrar na sociedade brasileira, numa grande mudança de personalidade.

Palavras-Chave: Literatura, contexto histórico, imigração italiana, história do Rio Grande do Sul.

Abstract: The present article is about a novel *O quatrilho*, by José Clemente Pozenato a writer from Rio Grande do Sul, in comparison with the film the same name, which the reference is the historical context of the era.

This analyse is from points of the novel who shows how was the Italian immigrants lifes on Rio Grande do Sul at start of 20th century. Also was examined, the way more deep, the character Ângelo Gardone, who looks to be a traditional Italian on beginning of the narrative, and to unfold the novel he made on part of Brazilian society, in a big change of personality.

Keywords: Literature, Historical Context, Italian Immigration, History Rio Grande do Sul.

1. Primeiras palavras

Muito se tem falado a respeito das relações existentes entre a Literatura e a História. Levando isso para o âmbito nacional e, mais precisamente para o regional, é possível observar muitas relações entre o contexto histórico e a literatura de seu estado.

Uma fase muito marcante na História do Rio Grande do Sul é a chegada dos imigrantes europeus, que vêm para povoar essas terras. Os imigrantes que mais chegaram ao sul do país foram os alemães e, posteriormente, os italianos. E é a respeito da imigração italiana que falaremos aqui.

¹ Graduada em Letras – Português pela Faculdade Cenecista de Osório. Pós-graduanda em Diálogos entre a História e a Literatura do Rio Grande do Sul pela Faculdade Cenecista de Osório. Artigo requerido para a disciplina de Conversações Pedagógicas. moniquecerinirodrigues@yahoo.com.br

Em 1985, o escritor gaúcho José Clemente Pozenato publicou a obra *O Quatrilho*, que traz como plano de fundo a vida de imigrantes italianos e de seus descendentes no sul do Brasil. Já em 1995, Fábio Barreto adapta a obra para o cinema, sendo, posteriormente, também indicada ao Oscar.

Nessa relação contexto histórico – literatura – cinema, é possível perceber e entender um pouco mais a respeito da imigração italiana, sua cultura, seus costumes, suas dificuldades, sua religiosidade, e a constante busca pela sua identidade.

Nosso foco de análise é o personagem Ângelo Gardone, que constitui sua identidade e sua personalidade no desenvolver da trama. Gardone é um típico colono italiano, mas que muda e se transforma durante a narrativa, e em menor teor, também na narrativa fílmica. Numa visão mais superficial, Ângelo Gardone começa italiano e termina “brasileiro”.

2. A imigração italiana no Brasil

Entre os séculos XV e XVI, a Europa viveu um intenso processo de industrialização e modernização. Inicialmente na Inglaterra, esse processo posteriormente se espalhou por todo o continente, o que provocou, em vários países, o êxodo rural, e a migração de camponeses para os centros urbanos.

Na Itália, especificamente nesse período, a população camponesa girava em torno de 75 a 90% da população (FÁVARO: 2006: 301). Muitas dessas pessoas viram a miséria e a fome chegarem a suas casas, já que nem todos conseguiam se adaptar nas cidades.

Segundo Favaro,

Passando de uma economia agrária para a industrial, também a Itália viu transformar-se a sociedade, diante de um processo de urbanização, com a conseqüente proletarização de numerosos contingentes de camponeses emigrados para as cidades, mão-de-obra que, destituída do trabalho na

terra, passa a compor uma massa de assalariados urbanos. Aqueles que, por razões as mais diversas, não eram absorvidos nas engrenagens da produção industrial, tornavam-se vítimas da marginalização social, constituindo o grande manancial emigratório para outras áreas europeias ou para outros continentes. (FAVARO, 2006, p. 309)

Sendo assim, surgia então o processo da emigração. No Brasil, a vinda desses imigrantes significava a formação de uma classe média, já que o país era dividido em proprietários de terra e escravos; significava também a vinda de uma força de trabalho. Como diz Pesavento,

Do ponto de vista das nações que receberam fluxos migratórios, como o Brasil, a entrada dos imigrantes possibilitou que, internamente, se desse o processo de transição de mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre.

(...)

Com referência à vinda dos italianos, o interesse do centro, ao que parece, se prenderia primordialmente a dois fatores básicos: promover o abastecimento do mercado interno brasileiro gerado pelo complexo cafeeiro e formar no sul núcleos coloniais imigrantes bem sucedidos que pudessem servir como foco de atração à imigração estrangeira para o país. Uma vez chegados no país, muitos imigrantes, que pensavam tornar-se pequenos proprietários, acabavam sendo desviados para o trabalho nas fazendas de café de São Paulo. (2002, p. 46-47)

No Rio Grande do Sul, as primeiras colônias italianas formaram-se a partir de 1870, e foram chamadas de Princesa Isabel (atual cidade de Bento Gonçalves) e Conde D'Eu (atual Garibaldi). Nessas colônias, os italianos tentaram manter seus costumes e sua cultura, como a culinária, as danças típicas, e o catolicismo.

3. A obra de José Clemente Pozenato

O *Quatrilho* é um romance do escritor gaúcho José Clemente Pozenato, escrito em 1985 e adaptado para o cinema dez anos depois. Como plano de fundo da obra, narra-se a vida de descendentes de imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul.

A obra possui quatro personagens principais, dois casais da colônia de italianos Santa Corona: Pierina e Máximo Boschini, e Teresa e Ângelo Gardone. Durante o enredo, os casais se aproximam e, posteriormente, se trocam, semelhante ao jogo de cartas que também tem o nome de quatrilho.

A narrativa se passa, primeiramente, na colônia de Santa Corona, nos primeiros anos do século XX. Depois, em San Giusepe, com algumas passagens também em Caxias.

Segundo Rangel,

Pozenato personifica a saga dos italianos no Rio Grande do Sul através das vidas das colônias. Desde as primeiras gerações, até o momento da desintegração do modelo minifundiário/familiar, o autor procura mostrar as incongruências, a sucessão dos pequenos dramas, os sacrifícios e a brutalização daquelas pessoas do mundo colonial. (2004, p. 161)

Assim, mais do que mostrar a troca de casais, a obra também permeia a saga dos imigrantes italianos, suas dificuldades e sua cultura, em episódios interessantes, que levaram a obra a ser adaptada também para o cinema, em 1995, em filme dirigido por Fábio Barreto.

4. Ângelo Gardone: de italiano a brasileiro

Ângelo Gardone é um dos quatro personagens principais da obra de Pozenato. Filho de Aurélio e Rosa Gardone (imigrantes), ele se casa na primeira parte da obra e na primeira cena do filme. O casamento com Tereza mostra a dança e a comida típica da colônia italiana. Como esta passagem de Aurélio Gardone na hora do banquete:

Aurélio Gardone tornou a esvaziar o copo, enquanto os outros riam. Falavam todos juntos, as vozes cada vez mais altas. Ele assim se sentia de novo sozinho, como gostava. Via as travessas de massa e leitão assado se esvaziando, o vinho baixando nos garrafões, o sol, de repente, entrando pela janela. No fundo da mesa, um grupo ensaiava cantar, quando tia Gema entrou sala adentro, aos berros:
- *Fora, fora tùti.* (POZENATO, 1997, p. 23).

Depois do casamento, Tereza vai morar com Ângelo e sua família, como era o costume. Como Ângelo era o filho mais velho, e as terras que possuíam não produziam para todos, assim que um de seus irmãos casasse, ele seria obrigado a procurar novas terras, deixando para os mais novos a terra da sua família.

Quando isso acontece e Ângelo se muda em sociedade com Máximo Boschini e Pierina, seu caráter também começa a mudar. Mudança essa mais perceptível na obra do que no filme, já que no filme os pensamentos e os detalhes referentes à personalidade de Ângelo são suprimidos. Como por exemplo, suas mãos suadas, característica essa que talvez fosse a principal de Ângelo no início da trama, como por exemplo, durante o seu casamento:

Deu-se conta de que o sermão continuava. “Lembro aos nubentes”, falava o padre, “as suas obrigações recíprocas e o dever de aceitarem todos os filhos que Deus, em sua imensa bondade, se dignar lhes conceder”. Por trás das palavras que mal conseguia entender, Ângelo Gardone percebia o quanto o casamento é cheio de mistérios. De súbito, veio-lhe a ideia de que nunca tinha estado com uma mulher, e sentiu de novo o suor brotar-lhe nas palmas das mãos. Envergonhou-se de ter um pensamento tão impróprio para aquele lugar e hora e teve certeza de que todos os parentes e convidados estavam vendo suas orelhas queimar. Levantou-se ao ouvir o ruído de bancos e demorou a entender que o padre lhe soprava, impaciente, “dá a mão, dá a mão direita, *áseno*”. Mão que ele esfregou nas calças para secar o suor e estendeu, trêmulo. (POZENATO, 1997, p. 13)

Esse é o perfil do personagem já nas primeiras páginas do livro: um homem simplório, que não compreendia muitas coisas, e que tinha, sempre que estava nervoso, as mãos suadas. Quando Ângelo, já casado, precisa dar lugar aos irmãos mais novos, ele se põe a fazer contas, donde se percebe, claramente, sua dificuldade com matemática:

Menos irritado, tratou de encontrar uma saída. Afinal, ninguém ia fazer isso por ele. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, ia ter de pelar esse porco. A colônia do pai era pequena, não dava para todos. O mais velho teria que ser o primeiro a procurar outro pedaço de terra. Era a lei. Só não esperava que fosse acontecer tão cedo. Tinha esperança de fazer antes uma boa economia. Laboriosamente, pôs-se a fazer cálculos. A cabeça não o ajudava. De qualquer forma, era muito pouco o que ele possuía. Não conseguiria comprar nada que prestasse, mesmo vendendo a mula e a vaca. (POZENATO, 1997, p. 62)

Assim é traçado o perfil deste personagem, tipicamente italiano. Vive da sua colônia, sustenta a família com o que produz na terra, garantindo assim sua subsistência. É filho de imigrantes, e mantém as tradições trazidas pela família da Itália.

Entretanto, a partir de sua relação com Ambrósio Batiston, de quem compraria uma colônia em sociedade com Máximo a preços muitos elevados, sua personalidade

começa a mudar. No trecho a seguir, a personalidade de Ângelo começa a se alterar, de forma ainda quase imperceptível:

Na manhã seguinte, ao acordar, Ângelo Gardone pôs a cabeça em ordem. Era segunda-feira, mas não iria trabalhar. Não ia mais ter que aguentar os desaforos do capataz, aquele negro sem-vergonha. No armazém, tinham lhe negado o emprego. “Chegou tarde, a vaga está ocupada. Passa na semana que vem”. E ele, estúpido, tinha voltado. “Passa na semana que vem”, disseram de novo. Não voltou. Queriam fazê-lo de bobo. Mas agora ia se livrar também do capataz, porque ia comprar a sua colônia. Lá mandaria ele e mais ninguém. Ficou um instante indeciso. Devia se barbear, vestir a melhor roupa? Não. Dessa vez ia ser esperto. Se esse Batiston pensa que eu tenho dinheiro, bota o preço lá em cima, nas nuvens. Vestiu uma camisa remendada, calçou os tamancos e enfiou o chapéu de palha. (POZENATO, 1997, p. 102)

Aqui percebemos, mais uma vez, o típico camponês italiano: camisa, tamancos e chapéu de palha. Além disso, seu maior sonho é ser dono da sua terra, onde ele não fosse um assalariado, mas que ele próprio se sustentasse. Também são visíveis os preconceitos, tanto dele em relação aos negros, quanto dos “brasileiros” em relação aos colonos.

É a partir desse ponto da história que Ângelo muda. Depois do negócio realizado com Batiston, ele promete a si mesmo que ninguém mais vai enganá-lo. Já mudados para San Giusepe, com Tereza, Máximo e Pierina, Ângelo tem uma ideia que irá modificar toda a sua personalidade: ele percebe que, se pedir dinheiro emprestado aos vizinhos com juros mais baixos, consegue quitar a colônia, ter um lucro significativo, e ainda por cima “ajudar” os vizinhos, já que estes também estariam empregando seu dinheiro a juros.

Mesmo com Máximo sendo contra essa ideia, e dizendo a Ângelo que isso era capitalismo, ele seguiu em frente. A partir daí, não parou mais. Tornou-se um dos mais importantes da região, e foi até convidado pelo padre Gentile a ser um dos membros da diretoria da igreja.

Com o moinho, levava a sua produção e a dos vizinhos para vender em Caxias, e assim foi aumentando a produção e os lucros. Quando Tereza o abandona e foge

com Máximo, sua mais visível preocupação é a reputação frente aos negócios. Veja-se, para isso, a conversa com Nane Mondo, na venda:

- Não fica assim, Gardone. Não é o fim do mundo. *Corràio!* Tem que enfrentar a situação. Não deixa ninguém te ver com essa cara. Vão pensar que entregaste os pontos. E aí, como é que ficam os negócios?
Gardone abanava a cabeça, concordando. Mas foi a última palavra que lhe deu um choque. É claro, não podia dar parte de fraco. Como é que iam ficar os negócios? (POZENATO, 1997, p. 171)

Aqui, sua personalidade já é completamente diferente da do início da trama. Na narrativa fílmica, essa mudança de caráter não é tão visível, e deixa a desejar, já que o detalhe das mãos suadas de Ângelo é extremamente importante para essa mudança, e no filme isso não aparece. Depois de abandonado, e depois vivendo com Pierina, seus negócios só evoluem, e no final da obra a família Gardone é uma das mais importantes de Caxias. E totalmente inseridas ao “povo brasileiro”.

5. Considerações finais

O *Quatrilho*, de José Clemente Pozenato, mesmo não sendo um documento histórico, faz com que possamos entender um pouco mais sobre a cultura italiana, e sobre o contexto da imigração no Brasil.

Os italianos saíram de seus lugares de origem em busca de uma vida melhor, e aqui se depararam com grandes dificuldades, como a questão da procura por terras e a dificuldade na sua subsistência, mas jamais deixaram de lado a sua alegria e seus costumes.

Tanto a literatura quanto o filme mostram as peculiaridades da cultura italiana: a produção da farinha de milho, a preferência por polenta, a tradição do filho mais velho procurar novas terras quando os mais novos casarem, a também tradição da mulher, quando casada, ir morar com os sogros, enfim, as peculiaridades dessa cultura que foram trazidas da Itália com seus imigrantes e adaptadas às novas moradias.

Através do personagem analisado, Ângelo Gardone, é possível perceber conceitos intrínsecos ao contexto histórico da época, como por exemplo, o capitalismo, conceito esse que muitos ali, inclusive Ângelo, nem mesmo sabia o que significava, mas que tinha sido talvez o principal motivo pelo qual ele estava no Brasil, como colono.

Na obra, como um todo, percebe-se a força e o poder da igreja católica, através do padre Gentile, a força de trabalho que vinha da Itália variada e que aqui eram todos colonos produtores – Mássimo, por exemplo, era carpinteiro, e não agricultor –, e também o conceito de anarquismo, através do personagem Scariot.

A evolução do personagem Ângelo Gardone pode ser comparada ao colono em geral, que consegue se integrar na nova sociedade. E para isso, ele precisava de alguém que o compreendesse, e que visasse também lucros, como era o caso de Pierina, ironicamente na trama.

Talvez o que se deve chamar mais a atenção é o fato de que no filme, essa evolução de Ângelo Gardone é mais sutil. Talvez porque se perceba, na obra, quase todas essas mudanças através de seus pensamentos, e não de suas atitudes, o que dificulta a releitura para o cinema.

De qualquer forma, a história das famílias que depois de muito lutarem e trabalharem conseguem o prestígio social que tanto almejavam, é um forte indício de que conseguiram se integrar na sociedade. Mas dos quatro personagens principais, Gardone é o que mais evolui durante a obra, e o que talvez mais tenha conseguido essa integração.

O Quatrilho é mais um exemplo do quanto a História pode estar presente na Literatura de um povo, e de quanto essas obras literárias podem ser importantes para uma melhor compreensão de um determinado povo, falando até mesmo no âmbito escolar. Um romance não é o retrato fiel de uma sociedade, mas pode ser o

início para a compreensão de todo um período histórico. E deve ser respeitado por isso.

Referências

FÁVARO, Cleci Eulália. **Os “italianos”**: entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 2 – Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 301-319.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PONZI, Luiz Carlos. **Uma visão sobre a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Disponível em: www.maisumpoucodehistoria.blogspot.com. Acesso em: 05 de junho de 2011.

POZENATO, José Clemente. **O quatrilho**. 14. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **Os papéis sociais da mulher na obra O Quatrilho**. Itinerários, Araraquara, n. 22, p. 155-171, 2004. Disponível em: www.seer.fclar.unesp.br/itinerarios. Acesso em: 05 de junho de 2011.